

PRODUÇÃO AUDIOVISUAL AUTORAL DOS POVOS INDÍGENAS DE MATO GROSSO DO SUL: bordunas e filmadoras HD na integração midiática¹

Miguel Angelo Corrêa²

Resumo: Nos rastros de Lev Manovich, Pierre Levy, ou João Canavilhas, dentre outros, vislumbram-se as mudanças paradigmáticas do jornalismo contemporâneo. A teoria jornalística, ligada visceralmente ao aparato técnico, desde a prensa de Gutenberg até a pesquisa no Google, sofre para estabelecer critérios e bases para se pensar a comunicação para além da constante mudança. O Webjornalismo revoluciona conceitos há pouco estáveis, como a “pirâmide invertida”, deitando-a para, a seguir, vê-la rapidamente transformada, nas redes sociais, em algo ainda inominado. De carona nos movimentos “*Occupy*” que surpreenderam ruas brasileiras a partir de junho de 2013, coletivos como o “Mídia Ninja” chacoalham jornais e academia, aterrorizando redações e provocando reflexões. Mato Grosso do Sul acompanha as mudanças no jornalismo vendo seu maior conflito social/político/cultural – a luta pela retomada de terras tradicionais indígenas das mãos do agronegócio – se tornar “pauta” das redes midiáticas. Um webjornalismo de repercussão mundial explodiu no movimento em defesa de Pyelito Kue e na resistência de Sidrolândia, MS, em maio/junho. Busca-se aqui refletir sobre as possíveis relações entre a mudança do paradigma da “pirâmide invertida” e esse fenômeno rudimentar e tecnológico, paleolítico e contemporâneo, “glocal” - local e global, onde bordunas lutam ao lado de filmadoras HD, apoiadas na convergência digital e na integração midiática.

Palavras chave: Webjornalismo. Kaiowa. Guarani. Mato Grosso do Sul. Audiovisual.

¹ Esta comunicação é resultado parcial das pesquisas para elaboração da dissertação de mestrado “Produção audiovisual autoral dos povos indígenas de Mato Grosso do Sul” realizadas pelo autor.

² Mestrando em Comunicação pela Universidade Federal Mato Grosso do Sul (UFMS); Pós-Graduando Lato Sensu em Culturas e História dos Povos Indígenas (EAD / UFMS); Graduado em Administração de empresas (UFMS); Graduado em Comunicação (UFMS); Técnico em eletrônica; Jornalista; Documentarista; integrante do Grupo de pesquisa Turismo e Meio Ambiente / UFMS; bolsista CAPES. E-mail: miguelangelocorreia@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O senso comum do brasileiro frequentemente exibe uma profunda desinformação a respeito da maioria dos assuntos relacionados aos indígenas. A chamada opinião pública que, alimentada por séculos de injustiças históricas e hábitos contrários aos direitos elementares das pessoas e, realimentada pelos meios de comunicação de massa que, via de regra, não cumprem seu papel social de informar a população com isenção e desvinculada de influências econômicas, facilmente manifesta conceitos e opiniões equivocadas, não verdadeiras ou mesmo falaciosas sobre os índios.

É difícil vislumbrar, pelo menos em curto e médio prazo, uma mudança de comportamento da mídia em geral. Uma solução para esse problema passa pelas vias do direito e da educação e, desse modo, é de fundamental importância o cumprimento da lei número 11.645, aprovada em 10 de março de 2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” no currículo oficial da rede de ensino público e privado no país. O que é veiculado atualmente nos livros didáticos, com raras exceções, são informações vagas, geralmente baseadas no senso comum e, em sua grande maioria, equivocadas (POVOS, 2011), sendo que a implementação efetiva da lei seria uma solução para o problema.

Lippmann (2008) foi enfático ao observar, desde quase um século atrás, que a civilização ocidental ancorou sua teoria democrática numa opinião pública baseada em informações escassas, manipuladas, questionáveis e de origem e conteúdo duvidosas. Um dos grandes equívocos veiculados com frequência na mídia em geral, e reverberado no “inconsciente coletivo” de boa parte da população brasileira é o de que “índio é tudo igual”. Parece que, por aqui, a opinião pública tentou simplificar a natureza e reservou um adjetivo para cada macrorregião do planeta. Então “negão/negona” ou “neguinho(a)” refere-se a qualquer das incontáveis etnias dos 54 países africanos, ou mesmo da Índia; “turco” engloba qualquer pessoa que tenha o nariz adunco, independente de sua origem; “um caminhão de japonês” é um clássico do anedotário racista nacional, para se referir tanto a chineses, japoneses, coreanos e outros orientais; “alemão”, aos loiros de grande estatura, e assim por diante.

Os jornalistas³, mesmo nas (raras) ocasiões em que tentam fazer valer seu código de ética e procuram, de forma honesta e isenta, dar voz a todas as partes envolvidas num conflito pela posse da terra, terrivelmente comum nesse estado da federação, geralmente cometem o mesmo erro: ouvem “o fazendeiro” e “os índios”, na grande maioria das vezes sem contextualizar minimamente o problema e a origem dos envolvidos. Pesquisas recentes esmiúçam a questão: Maldonado (2014) utiliza a Análise de Discurso Francesa para mostrar as discrepâncias entre o discurso das lideranças indígenas de MS por elas publicadas nas redes sociais, e as notícias veiculadas nas mídias *on line* locais e nacionais sobre os conflitos de posse da terra; Rossi (2013) investiga os problemas com um dos tradicionais pilares do jornalismo ético, a questão das fontes, durante a crise da desastrosa tentativa de reintegração de posse da Fazenda Buriti⁴, em Sidrolândia, MS, em maio/junho de 2013, cumprida com violência injustificável pelas polícias, que culminou com o assassinato de uma liderança indígena por forças militares do Estado “praticamente ao vivo”, em rede nacional de TV.

No Mato Grosso do Sul, estado da federação com a segunda maior população indígena do Brasil, com mais de 70.000 índios⁵, atrás apenas do estado do Amazonas, existem ao menos nove etnias⁶, cada uma delas com sua peculiaridade, seus costumes e linguagem próprios, seus hábitos alimentares, sua espiritualidade específica, sua relação particular com a natureza e mesmo sua constituição física diferenciada. O papel da imprensa seria divulgar sistematicamente essas informações, invés de camuflá-las.

³ Profissão na qual o autor dessa comunicação se inclui.

⁴ A Terra Indígena Buriti (ou Fazenda Buriti) está situada em área de 17 mil hectares já reconhecida pelo Estado como tradicionalmente ocupada por indígenas da etnia Terena, porém sob disputa judicial há mais de uma década - por conta da morosidade obscena da justiça brasileira, e das “chicanas jurídicas”, geralmente inseridas propositalmente pelos fazendeiros para retardar o andamento do processo. Dos 17 mil hectares declarados como território tradicionalmente ocupado pelos Terena em 2010 pelo governo federal, apenas 3 mil estavam em posse dos indígenas. Outros 14 mil hectares estão ocupados por 25 fazendas, sendo que os Terena haviam retomado a fazenda Buriti, a fazenda Cambará, a fazenda Santa Helena e a sede da fazenda Querência São José, (abandonada há anos) como forma de pressão para acelerar o processo judicial. Os Terena são tradicionalmente conhecidos como não violentos, sociáveis, amistosos, pacientes e abertos à negociação, e é um dos povos que melhor se adaptou ao convívio com a civilização não indígena (MUSSI, 2006). A fazenda Buriti é reclamada pelo político e fazendeiro Ricardo Bacha, que, antes do assassinato do indígena, anunciou que ocorreriam novas mortes, em discurso na Assembleia Legislativa do Estado de Mato Grosso do Sul no dia 23 de maio de 2013. Disponível em <<http://www.campograndenews.com.br/politica/bacha-ganha-prazo-dos-indios-para-retirar-bois-e-preve-mais-mortes>>. Acesso em 15 ago. 2014.

⁵ Cf. dados do IBGE, senso 2010 apud VIEIRA, 2013, p.19.

⁶ Kaiowá, Guarani (Ñandeva), Terena, Kadiwéu, Guató, Ofaié, Kinikinau, Atikum e Camba (VIEIRA, 2013, p.19).

Outra falácia veiculada de forma velada pela mídia em geral e reproduzida pelo senso comum é a de que “índio é atrasado e primitivo” ou que “o índio parou no tempo”. Usando a civilização branca ocidental e suas recentes tecnologias como referência, o vulgo tem dificuldade em pensar sob outro referencial e, apenas para ficar no exemplo mais evidente, não percebe que o custo ambiental dessa evolução e dessa tecnologia para o planeta é o da extinção da espécie num futuro não muito distante (VIVEIROS DE CASTRO, 2013). Não é capaz de imaginar que várias das 283 etnias indígenas que existem no país⁷ têm outras tecnologias de uso da natureza, menos nocivas, que podem garantir uma maior sobrevivência ao planeta e que, sob esse viés, portanto, seriam mais avançadas que a tecnologia da civilização branca ocidental.

A simples informação de que, diferente do restante da população brasileira, a maioria dos indígenas é poliglota, pois normalmente fala, além do português, a língua de sua etnia (e nas regiões fronteiriças do Centro-Oeste fala também o espanhol), é recebido com espanto – e eventualmente, com admiração – pelas pessoas, quando são lembradas disso. Novamente, a grande imprensa em geral contribui para desinformação, negando ou negligenciando a divulgação e o reconhecimento da importância da valorização dos etnosaberes (saberes tradicionais) que, por exemplo, foram apropriados pela medicina ocidental e pela indústria farmacêutica, ao usar e abusar de descobertas e invenções originárias dos povos tradicionais, boa parte das vezes, diga-se, de forma ilegal. Idem para hábitos simples como o banho diário, ou objetos de *design* sofisticado, como a prosaica rede de descanso, que foram criados pelos índios e “importados” por Pero Vaz de Caminha quando cá esteve (CAMINHA, 2014).

Também é bastante comum a crítica do vulgo aos indígenas que habitam nas cidades usando o raciocínio inverso ao da falácia identificada anteriormente, ou seja, que eles deixaram de ser índios ao usarem e conviverem com as tecnologias urbanas, e que o “índio é passado”. Esse argumento também revela uma dificuldade em relativizar a questão por meio de uma reflexão elementar que observe que os costumes de qualquer povo mudam ao longo do tempo e que não existem culturas estáticas. Sendo assim, da mesma forma que nós não usamos as mesmas roupas, palavras e ferramentas que nossos bisavós, o

⁷ Cf. dados do IBGE, senso 2010 apud VIEIRA, op. cit.

mesmo acontece com os povos indígenas. Ocorre, porém, que cada ser tem uma essência que o mantém ligado umbilicalmente a uma ancestralidade (AGUILERA URQUIZA; BANDUCCI JR., 2013). Para usar um exemplo regional recorrente⁸, um colorado ou um gremista⁹, chimango ou maragato¹⁰, que trocou o frio do Rio Grande pelo calor de Campo Grande, e abandonou o chimarrão em favor do *tereré*¹¹, não se considera menos gaúcho por conta dessas opções. Da mesma forma que continuamos sendo descendentes de italianos, judeus, germânicos, muçulmanos, etc., e temos comunhão com algumas características dessas descendências, os “índios urbanos” também “continuam índios”, embora alguns utilizem telefones celulares, estudem em universidades, usem filmadoras HD e manifestem-se através de redes sociais.

Os mesmos problemas, equívocos e falácias descritos anteriormente, e outros de diferente ordem, são comuns também com relação aos afrodescendentes. A forma mais eficaz e rápida de conseguir uma mudança nesse quadro seria através do chamado “quarto poder”, ou seja, o jornalismo e os meios de comunicação de massa. Como, porém, não há expectativa, ao menos em curto e médio prazo, de uma democratização dos meios de comunicação no país e como o resultado da aplicação da lei número 11.645 só será observado nas gerações futuras, inúmeros indígenas tomaram, há bastante tempo, atitudes para tentar esclarecer essas questões, e outras questões mais graves e antigas, de forma mais eficaz, conforme veremos a seguir.

De carona nos movimentos “*Occupy*” que surpreenderam ruas brasileiras a partir de junho de 2013, coletivos como o “Mídia Ninja” recentemente chacoalharam jornais e a academia, aterrorizando redações e provocando reflexões. Mato Grosso do Sul acompanha as mudanças no jornalismo vendo seu maior conflito social, econômico, político e cultural – a luta pela retomada de terras tradicionais indígenas das mãos do agronegócio – se tornar

⁸ Esse argumento foi desenvolvido a partir da declaração do indígena Kaiowa e Guarani Devanildo Ramires, durante a série “Seminários NEPPI: povos indígenas frente às novas mídias”, Campo Grande, MS: UCDB, 24 Mar. 2010, recolhida por Maldonado (2014).

⁹ Torcedores de clubes de futebol tradicionais e rivais no Rio Grande do Sul.

¹⁰ Apelidos de facções adversárias em vários conflitos políticos e revoluções armadas ao longo da história do Rio Grande do Sul.

¹¹ Espécies de chás, de origem ameríndia, bebidos através de uma “bomba” (canudo de metal com pequena peneira na ponta) em uma “cuiá” ou “guampa” (recipiente abaulado), feitos a partir de ervas semelhantes, nativas da região centro-meridional da América do Sul, misturadas com água quente (chimarrão) ou água gelada (*tereré*).

pauta das redes midiáticas. Um webjornalismo de repercussão mundial explodiu no movimento em defesa de Pyelito Kue no final de 2012¹², e na resistência de Sidrolândia, em maio/junho de 2013¹³. Munidos de celulares e bordunas, arco e flecha e *notebooks*, filmadoras HD e cocares, os povos nativos apropriam-se da tecnologia para exigir seus direitos e tornar pública sua voz, escancarando seu sofrimento e sua diáspora, suprindo e surpreendendo o mundo com informações negligenciadas pela mídia convencional - mormente a regional.

Nos rastros de Lev Manovich, Pierre Levy, ou João Canavilhas, dentre outros, vislumbram-se as mudanças paradigmáticas do jornalismo contemporâneo. A teoria jornalística, ligada visceralmente ao aparato técnico, desde a prensa de Gutenberg até a pesquisa no Google, sofre para estabelecer critérios e bases para se pensar a comunicação para além da constante mudança. O Webjornalismo revoluciona conceitos há pouco estáveis, como a “pirâmide invertida”, deitando-a para, a seguir, vê-la rapidamente transformada, nas redes sociais, em algo ainda inominado. Busca-se aqui tecer algumas reflexões sobre esse fenômeno rudimentar e tecnológico, paleolítico e contemporâneo, “glocal” - local e global (ROBERTSON 1999), onde bordunas lutam ao lado de filmadoras HD, apoiadas na convergência digital e na integração midiática, e suas eventuais possíveis relações com a mudança do paradigma da “pirâmide invertida”.

¹² A situação de confinamento (BRAND, 1997, p. 91) em que se encontra essa comunidade (acampada às margens de um pequeno rio dentro de uma área já reconhecida como tradicionalmente ocupada por indígenas, porém sob disputa judicial há décadas, período durante o qual eles têm sido sistematicamente atacados, expulsos e frequentemente assassinados por pistoleiros contratados por ruralistas) desencadeou manifestações populares pacíficas de apoio em várias capitais do país, e mesmo no exterior, tanto *on line* quanto através de passeatas e outras formas de ativismo. Elas aconteceram como consequência da publicação de um manifesto dos Kaiowá e Guaraní através da internet, em resposta a um iminente despejo decretado pela justiça, que foi interpretado, inicialmente, como um anúncio de suicídio coletivo. O manifesto, declarando que eles não sairiam vivos do acampamento, e pedindo ao governo federal que ao invés do despejo, declarasse sua morte coletiva, deixava evidente que a situação havia se tornado insustentável e terminou provocando uma reação significativa nos três poderes da República, tanto Federal quanto Estadual, fato inédito na longa e penosa história da luta por terras e cidadania dessa etnia. Apesar disso, na época da produção desse artigo, a situação pouco avançou e continua praticamente a mesma.

¹³ Não obstante alguns avanços na questão (como a tentativa do governo federal de realizar gestões em busca de uma alternativa legal para ressarcir os fazendeiros que tiverem documentação legítima) aparentemente não existe boa vontade por parte do governo estadual (que têm vínculos evidentes com os fazendeiros) em resolver a questão dessa forma. Até o presente o impasse continua, e a tensão e violência na região tornaram-se rotina. Denúncias recentes (maio de 2014) relatam novos atentados de pistoleiros disparando contra o acampamento de Pyelito Kue, gravadas pelos indígenas com câmeras deixadas pela equipe do Vídeo nas Aldeias (2014) que visitou a região pouco antes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L15H0mt5jho>>; acesso em: 05 set. 2014.

2 BORDUNAS E FILMADORAS HD JUNTAS NA INTEGRAÇÃO MIDIÁTICA

Na década de 1970, um líder indígena fez história quando, cansado das promessas não cumpridas pelos “homens brancos” em suas negociações, teve uma boa ideia: resolveu se apropriar das tecnologias criadas pelos próprios brancos e utilizá-las em benefício de seu povo. O então cacique - e depois deputado federal - Mário Juruna passou a carregar a tiracolo um “moderno” gravador de áudio de fita K-7 e com ele registrar todos seus contatos e compromissos, para, posteriormente, usar as gravações como prova nas cobranças dos acordos não cumpridos.

Alguns anos depois, inspirados noutra boa ideia, desta vez do antropólogo Vincent Carelli, outros indígenas também passaram a se apropriar de tecnologias a que tiveram acesso, viabilizadas por Vincent a partir de 1986, por meio do então incipiente projeto Vídeo nas Aldeias (2014) - parceria entre a Organização Não Governamental Centro de Trabalho Indigenista e a Faculdade de Antropologia da Universidade de São Paulo - e começaram a produzir cultura midiática.

O sucesso da empreita de Vincent teve inúmeras consequências. Uma delas teria sido o surgimento em 2008 do Vídeo Índio Brasil (2008), festival que, inicialmente a partir de Campo Grande MS, e, posteriormente em boa parte do país, veiculou, dentre outras coisas, produções de temática indígena, várias delas autorais. Também ofereceu treinamento e equipamento temporariamente a alguns povos indígenas de Mato Grosso do Sul, possibilitando que gerassem sua própria cultura midiática audiovisual.

Estas iniciativas, reforçadas pelo barateamento progressivo dos equipamentos e mídias de produção e reprodução, e pela recente popularização da rede mundial Internet no país - bem como sua melhora geral de performance, que possibilita uma veiculação de produções audiovisuais de forma mais razoável, coisa impensável há poucos anos - têm proporcionado uma mudança de papel em alguns indígenas, que deixam de ser apenas objeto exótico de pesquisa ou atração turística, e passam a produzir cultura audiovisual.

A apropriação da tecnologia e o uso das facilidades midiáticas digitais realizadas pelos povos indígenas da região não são, portanto, recentes, nem apenas reflexo de um

processo similar que tem ocorrido por todo o planeta, como consequência da informatização e da disseminação da Internet – o que parecem ser casos como a chamada “Primavera Árabe” e outras revoltas populares contemporâneas semelhantes - mas sim a continuidade de um longo processo de resistência e adaptação que os nativos realizam por séculos.

A rigor, a primeira experiência entre ameríndios e as tecnologias audiovisuais teria ocorrido muito antes do surgimento da internet ou da ideia original do cacique Juruna. A pesquisadora Evelyn Schuler (1997) lembra que, bem próximo do nascimento da sétima arte, em pleno ano de 1920, Robert Flaherty realizaria junto com “atores” esquimós o clássico documentário “*Nanook of the North*¹⁴” inaugurando o filme etnográfico. Outro marco importante é “*You Are on Indian Land*¹⁵” produzido pelo *National Film Board of Canada*, criação colaborativa do canadense Mort Ransen com o ativista indígena *mohawk* Mike Mitchell na década de 1960. A junção das bordunas com as filmadoras então, longe de ser um fenômeno novo, é a continuação da saga da resistência dos ameríndios na defesa de seus direitos e seu território. Cabe, a seguir, tecer algumas considerações iniciais sobre as dificuldades da comunicação e do jornalismo em refletir teoricamente e estabelecer modelos para esses fenômenos, simultaneamente ancestrais e contemporâneos.

3 A PIRÂMIDE ESTÁ NUA!

O fenômeno não é recente, nem surpreendente. Rudolf Arnhheim (2005), por exemplo, já o antevia. Ou ao menos, indignava-se com sua ausência, quando vislumbrava, no período entre guerras, o potencial educacional e cultural oferecido pelas novas tecnologias das transmissões radiofônicas e pelas novas possibilidades de comunicação em rede. Nos EUA Arnheim trabalhou no *Office of Radio Research* da *Columbia University* de Paul Lazarfeld e fez análise de conteúdo de radionovelas da época. Como Adorno (que abandonou o projeto) decepcionou-se com o uso comercial e a competição pela audiência, que nivelou por baixo e vulgarizou o rádio, diferente do originário rádio estatal europeu, que tinha objetivos culturais e educativos. O potencial da comunicação em rede teria sido desperdiçado pela sua apropriação realizada pela economia de mercado ocidental que, ao

¹⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=b048OdvlEag> >. Acesso em 10 ago. 2014.

¹⁵ Disponível em: < <https://www.nfb.ca/search?csrfmiddlewaretoken=fjiYR4VzizLcVMG4mWxKOMZTEc4id9mR&q=You+Are+on+Indian+Land&btnG=Search> >. Acesso em: 15 ago. 2014.

invés de usá-lo para um possível aprimoramento da civilização, apenas o convertia em mais uma ferramenta destinada ao enriquecimento de algumas elites.

O “vidente” Marshall McLuhan (como o qualifica Anísio Teixeira na apresentação da edição brasileira da *Galáxia de Gutemberg*, nos idos de 1977) de certa forma também já havia “previsto” o fenômeno. Embora tenha lançado previsões sobre quase tudo, algumas das quais se mostraram equivocadas¹⁶, outras, entretanto, se revelaram espantosamente acertadas, dando a ele o destaque que o manteve como referência e um dos “gurus” não somente das ciências da comunicação e do jornalismo, mas de boa parte do mundo acadêmico e da mídia em geral. Mormente após a popularização da internet e dos motores de busca de banco de dados, e da “febre” das redes sociais, as previsões e conceitos de McLuhan como “aldeia global”, telecomunicações como “extensão da rede neural humana”, “o meio é a mensagem” e os “meios são extensões do homem” (MCLUHAM, 1977), tornaram-se indispensáveis para se pensar a contemporaneidade.

A ideia do rádio como tambor tribal, que fortalece a conexão do homem com o grupo, com a comunidade, que tem o poder de retribalizar (BIANCO, 2005, p.155) se torna fundamental para tentar entender, por exemplo, fenômenos como as manifestações de meados de 2013 ou a polêmica acerca dos chamados “rolezinhos”¹⁷. Aparentemente pode-se afirmar que é clara a substituição do papel exercido pelo “rádio de McLuhan” por aplicativos e redes sociais da internet como *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter*, *Secret* e outros. O fenômeno é cíclico e recorrente, e vários pensadores, além dos acima referenciados¹⁸, já o

¹⁶ Um curioso exemplo de previsão equivocada é o verbete vinte e dois de “Os meios de comunicação como extensões do homem”: “O Automóvel: a noiva mecânica”, onde ele prevê, em 1964, a extinção do automóvel e a obsolescência da roda dentro de uma década (MCLUHAN, 2011, p. 246-254)!

¹⁷ Fenômeno recente, no qual pré-adolescentes e jovens de periferia de grandes centros combinam, através de redes midiáticas, encontros instantâneos de grandes turmas em espaços públicos, como shopping centers, e surpreendem comerciantes e frequentadores. Invariavelmente são reprimidos e hostilizados ilegalmente pelas forças de segurança privadas e pelas polícias. Informações preliminares disponíveis em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2013/12/23/opinion/1387799473_348730.html> e em: <<http://farofafa.cartacapital.com.br/2014/01/28/rolezinho-de-a-a-z/>>. Acesso em 01 ago. 2014.

¹⁸ Ver, dentre outros, o físico Fritjof Capra na década de 1960: mudança do paradigma cartesiano para o quântico, convergência da astrofísica, física subatômica e filosofia oriental (CAPRA, 1989); o antropólogo Pierre Clastres na década de 1970: não convergência das sociedades tribais para as sociedades com aparato estatal (CLASTRES, 1978); o filósofo Pierre Lévy, no século 21: primeira grande transformação na ecologia das mídias foi a invenção da escrita, a passagem das culturas orais para as culturas da escrita foi tão radical quanto a passagem para o ciberespaço / hipertexto / mídias digitais (LÉVY, 2014).

relacionaram, dentre outras coisas, com as evoluções tecnológicas e culturais da civilização humana, como a invenção da escrita ou a prensa de Gutenberg.

4 INVERTEU, DEITOU, CAIU e... ESPATIFOU-SE

A comunicação e o jornalismo, ciências com tradição relativamente recentes na academia, têm de se renovar e reciclar constantemente para criar conceitos e teorias que se sustentem minimamente durante algum tempo, em função da dinamicidade de seus objetos de estudo. Um desses conceitos que, surpreendentemente, sobreviveu há bastante tempo, tornando-se uma técnica fundamental do jornalismo, denominava-se “pirâmide invertida”. Diferente de outras formas de narração ou descrição anteriores e contemporâneas, a sequência de informações que ela oferecia não obedecia a uma lógica temporal, espacial, visual, emocional, cronológica, artística, estética, ou outra qualquer, mas, sim, uma lógica econômica.

Segundo consta, foi criada durante a guerra de secessão americana, concomitante com o surgimento do telégrafo, para driblar os altos custos de transmissão das notícias por essa nova tecnologia midiática. Consistia em apresentar as informações em uma determinada sequência de importância, das supostamente mais importantes, para as menos importantes (TRAQUINA, 2005). Inicialmente se oferecia o chamado *lead*, que obrigatoriamente deveria responder a seis perguntas sobre o fato: o quê, quem, onde, como, quando e por quê. Depois, em sequência decrescente, as demais informações, formando, hipoteticamente, um triângulo com a base na parte superior, que se convencionou chamar de “pirâmide invertida”.

Não obstante as limitações, as justificativas, e as condições que as geraram, terem se modificado ou desaparecido ao longo das décadas e, apesar de terem sido alvo de grandes polêmicas e discussões, o conceito e a técnica sobreviveram, tanto nas redações quanto na academia. Adelmo Genro Filho, por exemplo, realizou, ainda na década de 1980, uma crítica feroz, que pretendia “revelar o segredo da pirâmide” (GENRO FILHO, 1987). Outros teóricos e jornalistas continuam, porém, justificando sua utilização ainda hoje, e elas seguem sendo ensinadas e praticadas.

Entretanto, em época de reviravolta do antigo e recorrente fenômeno das convergências midiáticas, como a atual, as práticas e teorias invariavelmente se alteram. Pierre Lévy não deixa margem a dúvidas: “a emergência do ciberespaço acompanha, traduz e favorece uma evolução geral da civilização. Uma técnica é produzida dentro de uma cultura, e uma sociedade encontra-se condicionada por suas técnicas” (LÉVY, 1999). Por outro lado Manovich é peremptório: falar em interatividade nas novas mídias é uma tautologia, elas são, por definição, interativas (MANOVICH, 2001, p. 71). Dessa forma, parece claro que a pirâmide, deve, queira-se ou não, mudar, de forma e conteúdo.

Uma tentativa nesse sentido foi realizada por João Canavilhas (2007) que, em consonância com o caráter dinâmico e interativo da comunicação e do jornalismo atuais, propõe uma nova posição para a pirâmide: deitada. Ele considera a técnica da pirâmide invertida limitadora das potencialidades do hipertexto, e que ela “cercea o webjornalismo de uma das suas potencialidades mais interessantes: a adoção de uma arquitetura noticiosa aberta e de livre navegação” (CANAVILHAS, 2007, p. 30). Evoluindo um conceito originado por Robert Danton¹⁹, Canavilhas realizou um experimento que observou os percursos de navegação de trinta e nove alunos seus, através de uma notícia distribuída em 10 páginas *web* interligadas por *links*, e chegou a um novo paradigma, que propõe

uma pirâmide deitada com quatro níveis de leitura: A Unidade Base – o lead – responderá ao essencial: O quê, Quando, Quem e Onde. Este texto inicial pode ser uma notícia de última hora que, dependendo dos desenvolvimentos, pode evoluir ou não para um formato mais elaborado. O Nível de Explicação responde ao Por Quê e ao Como, completando a informação essencial sobre o acontecimento. No Nível de Contextualização é oferecida mais informação – em formato textual, vídeo, som ou infografia animada – sobre cada um dos W's. O Nível de Exploração, o último, liga a notícia ao arquivo da publicação ou a arquivos externos. [...] Em suma, a pirâmide deitada é uma técnica libertadora para utilizadores, mas também para os jornalistas. Se o utilizador tem a possibilidade de navegar dentro da notícia, fazendo uma leitura pessoal, o jornalista tem ao seu dispor um conjunto de recursos estilísticos que, em conjunto com novos conteúdos multimédia, permitem reinventar o webjornalismo em cada nova notícia (CANAVILHAS, 2007, p.38-39).

Trata-se de uma solução de muito capricho, engenhosa e cuidadosa, porém, talvez pareça, infelizmente, pouco apropriada. O possível equívoco metodológico que talvez tenha ocorrido na definição da quantidade e na estratificação da amostragem utilizada no experimento, embora importante, não é o mais relevante: os hábitos de navegação de 39

¹⁹ Darnton, Robert (1999) *The New Age of the Book*. Disponível em: <<http://www.nybooks.com/articles/546>>. Acesso em: 24 ago. 2014.

alunos de universidade estão longe de representar algo, ao se imaginar o universo de utilizadores da rede internet quando da realização da pesquisa. O problema principal parece estar, para prosseguir com a ideia da antiga metáfora inicial, “mais embaixo” da pirâmide.

As famosas e seculares pirâmides erguidas pelas civilizações egípcias, maias, e outras, encontram-se majestosamente sólidas até os dias atuais porque respeitam as leis da física, tanto da física clássica, quanto da quântica, muito embora estas ainda não estivessem sido disponibilizadas pela academia quando da construção daquelas. Via de regra elas estão com suas bases apoiadas na superfície terrestre e seus vértices superiores apontando para o lado oposto ao da base.

Não existe impossibilidade física de uma pirâmide permanecer em equilíbrio invertida por algum tempo, mesmo sem utilizar artifícios maliciosos como o atribuído ao navegador Cristóvão Colombo quando, supostamente, colocou um ovo em pé, quebrando a parte inferior da casca. Basta que sua massa seja distribuída de forma homogênea, e que uma linha imaginária que passe pelo vértice da pirâmide e pelo encontro das duas diagonais da base esteja exatamente perpendicular à superfície terrestre num local onde esta seja totalmente plana, e uma série de condições externas sejam propícias para tal (como condições atmosféricas, magnéticas, sonoras, etc.). Porém, tanto a física clássica como a quântica são unânimes em postular que, embora possível, este seria um evento extremamente improvável de ser realizado.

Já não se pode dizer o mesmo em relação a uma “pirâmide deitada”, evento impossível, ao menos segundo as leis físicas que dispomos atualmente. Ela cairia, e dependendo do material que a constitui, e da altura de onde despencou, se espatifaria em infinitos pedaços e se espalharia num labirinto segundo indecifráveis leis entrópicas. Esse tombo parece ser uma metáfora mais apropriada para o que vemos hoje no panorama das convergências digitais e integração midiática.

As, até bem pouco tempo, “universais” redes sociais acessadas a partir do computador pessoal como *Facebook*, *G+*, *Linkedin*, *Instagram*, *Twitter*, *Orkut*, *Skype*, *MySpace*, *Badoo*, *MSM*, *ICQ*, *MIRC* e similares se pulverizam em aplicativos bizarros de rede

como o *Secret*, *Tinder* ou outros, disponibilizados para... telefones descartáveis. Não há mais distinção entre produtor e consumidor de notícias; não há mais emissor e receptor - antes, há uma simultaneidade (ou “promiscuidade”) de ambos; a questão da fonte foi simplesmente extinta no anonimato oferecido; todos informam e/ou desinformam a todos; tentativas de regular conteúdo como “paywalls” são solenemente ignoradas; o substantivo privacidade tende a se transformar numa palavra obscena; e o jornalismo nunca foi, ao mesmo tempo, tão democrático e tão irrelevante.

Navegadores como *Tor* e derivações “invisíveis” da rede como a *Deep Web* oferecem um contraponto às tentativas infrutíferas das grandes corporações e governos em controlar o fenômeno antigo e recorrentemente incontrolável. Tecnologias, episódios e atitudes de sucesso incontestável, como as de Edward Snowden, os movimentos autogestionados de programas de software livre e código aberto, Julian Assange, a arquitetura do protocolo TCP/IP, a *Wikipédia*, e outros, sugerem reflexões e dão pistas para vislumbrar o que vai sobrar para o jornalismo e o que vai ser da comunicação, nessa época em que seus profissionais são solene e tacitamente silenciados e descartados pelo tráfico, como no México, ou decapitados ao vivo por fanáticos muçulmanos inconformados com o estado geral das coisas em... boletins informativos veiculados pelos próprios assassinos *on line* possibilitados justamente pela... convergência midiática!

Não existe dúvida de que uma metáfora adequada para esse jornalismo passaria longe de um polígono regular em desequilíbrio. Mesmo um polígono irregular, composto por incontáveis lados e inúmeras diagonais, estacionado em posições aleatórias e mutantes, não responderia à questão.

A metáfora, caso seja indispensável uma para se teorizar o jornalismo, certamente se encontra muito mais próxima a uma oca como a descrita por Caminha (2014), enorme, ampla, aberta, repleta de suportes que sustentam incontáveis “redes” compartilhadas por indígenas anônimos, enfeitados e nus. Está muito mais próxima de uma assembleia de Aty Guassu (MALDONADO, 2014); ou da distribuição, apenas aparentemente caótica, dos módulos organizacionais ligados ao tempo e espaço social que regulam a estrutura social dos Kaiowa e Guarani (PEREIRA, 2013). Muito mais próxima do perspectivismo de Viveiros de

Castro (2014); ou de um indefeso acampamento de “beira de BR” onde os que ainda sobrevivem ao genocídio seguem fotografando, gravando toscas imagens de discursos infundáveis e inconformados, bradando as bordunas, criando e consumindo pautas de carne, lágrimas e sangue.

5 REFERÊNCIAS

AGUILERA URQUIZA, Antonio Hilário; BANDUCCI Jr. Álvaro. **Cultura e relações interétnicas algumas aproximações conceituais**. In: AGUILERA URQUIZA, Antônio Hilário (Org.) **Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: UFMS, 2013, p.167-216.

AGUILERA URQUIZA, Antônio Hilário; PEREIRA, Levi Marques; PRADO, José Henrique. **Cultura e história dos povos indígenas**. Modulo 2, Campo Grande: Editora UFMS, 2014.

ARHNHEIM, Rudolf. **O diferencial da cegueira: estar além dos limites dos corpos**. In: MEDITISCH, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos** V. I. Florianópolis: Insular, 2005.

BIANCO, Nélia Del. **O tambor tribal de McLuhan**. In: Meditsch, Eduardo (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. Florianópolis: Insular, 2005.

BRAND, Antônio Jacó. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá Guarani: os difíceis caminhos da palavra**. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.

CAMINHA, Pêro Vaz. **Carta ao rei D. Manuel, comunicando o descobrimento da Ilha de Vera Cruz**. Disponível em: <<http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4185836>>. Acesso em 19 ago. 2014.

CANAVILHAS, João. **Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada**. In: BARBOSA, Suzana (Org.). **Jornalismo digital de terceira geração**. Covilhã: LABCOM/Universidade da Beira Interior, 2007, p. 31-46.

CAPRA, Fritjof. **O tao da física: uma exploração dos paralelos entre a física moderna e o misticismo oriental**. Lisboa: Presença, 1989.

CLASTRES, Pierre. **A sociedade contra o estado**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

PEREIRA, Levi Marques. **O território e a organização social kaiowá: inter-relações entre séries sociológicas e séries cosmológicas**. In: AGUILERA URQUIZA, Antônio Hilário (Org.).

Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: UFMS, 2013, p.47-62.

LÉVY, Pierre. **A globalização dos significados.** Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/12/07/mais!/4.html>>. Acesso em: 10 ago. 2014.

_____. **Cibercultura.** São Paulo: 34, 1999.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública.** Trad. Jacques Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

MCLUHAM, Marshall. **A galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico.** São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

_____. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2011.

MALDONADO, Caroline Herminio. **O conflito entre os guarani e kaiowá e fazendeiros em MS: análise discursiva na mídia online.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFMS, 2014.

MANOVICH, Lev. **The Language of New Media.** Cambridge: MIT, 2001.

MUSSI, Vanderléia Paes Leite. **As estratégias de inserção dos índios Terena: da aldeia ao espaço urbano (1990-2005).** Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, SP, 2006.

POVOS indígenas: conhecer para valorizar. Direção: Márcia Derraik. Roteiro: Stefânia Fernandes. Produção: Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro; Museu do Índio; Renata Cursio Valente; Sheila Sá. Rio de Janeiro: Antenna; Funai, 2011. 25min. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Tf-tOJGRYOI>>. Acesso em: 20 mai. 2014.

ROBERTSON, Roland. **Globalização: teoria social e cultura global.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SCHULER, Evelyn. **Pelos olhos de Kasiripinã: revisitando a experiência Waiãpi do Vídeo nas Aldeias.** São Paulo: Pletora, 1997.

ROSSI, Michelle. **Fontes como indicadores de qualidade no produto jornalístico: discussão em matérias sobre o conflito na fazenda buriti nos jornais o estado e o progresso.** Dissertação (Mestrado em Comunicação). UFMS, 2013.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são.** v.1. Florianópolis: Insular, 2005.

VIDEO NAS ALDEIAS. 2014, Disponível em:

<<http://www.videonasaldeias.org.br/2009/index.php>>. Acesso em: 05 set.2014.

VIEIRA, Carlos Magno Naglis. **Sociodiversidade indígena no Brasil e em Mato Grosso do Sul.** In: AGUILERA URQUIZA, Antônio Hilário (Org.) **Culturas e história dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul.** Campo Grande: UFMS, 2013, p.13-51.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Últimas notícias sobre a destruição do mundo.** São Paulo: Centro de Estudos Ameríndios, USP. III Conferência Curt Nimuendajú, 06 dez. 2013. Disponível em: < <http://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/os-indios-sao-especialistas-em-fim-do-mundo-diz-o-antropologo-eduardo-viveiros-de-castro>>. Acesso em: 12 ago. 2014.